

# Diversão & Arte

## ATALHOS

» NAHIMA MACIEL

Foi o aspecto estético que primeiro fisionomizou o olhar de Diego Bresani para os "caminhos de desejo" que cortam os solos do Plano Piloto. Em 2013, ao explicar para uma amiga estrangeira o significado dessas trilhas criadas no meio da cidade pelos pedestres, ele se deu conta da beleza física dos traçados. No ano seguinte, precisou vender o carro e andar a pé tornou-se prática diária. O fotógrafo começou então a fazer uso dos "caminhos de desejo". "E aquilo começou, de fato, a me chamar mais a atenção. Achava bonito, achava as linhas interessantes, o oposto das avenidas largas, definidas e retas da cidade modernista. São caminhos irregulares e nem sempre muito à vista. Fiquei meio encantado", conta Bresani, que lança hoje o livro *Cidade selvagem – Caminhos de desejo em Brasília*.

Feito com recursos do Fundo de Apoio à Cultura (FAC) em edital destinado à produção de um livro digital, o material reúne 77 imagens realizadas nos últimos 10 anos de documentação e registro das paisagens vistas apenas por quem caminha pela cidade. Bresani começou a fotografar em 2016, com uma câmera 35mm comum, mas não gostou muito do resultado e mudou de equipamento. No ano seguinte, passou para uma máquina de grande formato, com negativos em 10X15. Essas câmeras são grandes, podem pesar até 5 kg, têm uma sanfona para ajustar o foco e são utilizadas com um pano por cima da cabeça do fotógrafo. Elas permitem uma alta resolução e uma precisão maior no controle da perspectiva e da profundidade da imagem. São ideais para registros de paisagem.

No início, Bresani esbarrou em uma dificuldade técnica: para revelar em um laboratório no qual confiava, era necessário enviar os negativos para Paris. Foram levas de amigos viajantes transportando filmes em voos transatlânticos e trazendo de volta os negativos revelados. A lentidão entre o clique e a visualização da imagem ajudou na concepção do projeto. "Demorava muito, mas foi interessante porque fui esperando os negativos voltarem e os caminhos mudaram da seca para a chuva. E como é em preto e branco, o caminho fica preto na chuva e branco na seca. Então, comecei a entender a complexidade do registro", conta. A descoberta do Laboratório Mais Grão, em Brasília, o melhor do país para revelar negativos segundo Bresani, acelerou o processo.

O acesso mais rápido às imagens também trouxe uma nova perspectiva

**DIEGO BRESANI LANÇA LIVRO SOBRE AS TRILHAS FORJADAS POR PEDESTRES NO PLANO PILOTO PARA VENCER AS DISTÂNCIAS IMPOSTAS AOS CAMINHANTES**



Fotos: Diego Bresani



para o trabalho. Se antes a beleza e a poética dos caminhos atraíam a atenção do fotógrafo, agora ele começava a perceber o significado dessas trilhas: "Comecei a entender a relação dos caminhos com a cidade, e quem usa e faz os caminhos são pessoas que não moram na cidade, que vêm para trabalhar, porteiros, babás, diaristas, empregadas domésticas, seguranças. Comecei a ficar interessado também por isso". Ao fotografar, sobretudo, no começo e no fim do dia, ele percebeu que quem utilizava os caminhos eram os trabalhadores residentes fora do Plano Piloto.

Bresani começou a pensar, então, em quem faz os caminhos não oficiais da cidade. "Quem risca a cidade e deixa sua marca para tentar sobreviver nela, para tentar andar nela, conseguir vencê-la. Esses caminhos sempre vão dar em uma parada de ônibus. Então tem essa realidade paralela. Uma coisa que, no começo, eu achava bonita, bucólica e que, para mim, hoje, é o registro de uma certa violência, de uma capital que foi construída por determinada classe. Quem não tem carro não tem uma vida muito fácil. É uma segregação social forte a partir de quem anda de carro e quem anda a pé. Quem anda a pé em Brasília tem classe e cor específicas. E aí você começa a entender a cidade, suas complexidades, e seus problemas", diz o fotógrafo, que escolheu o adjetivo selvagem para o título do livro como marcador do olhar. "Em várias situações, não tem nem uma proposta de caminho, nenhuma proposta oficial do estado e a pessoa tem que rasgar a cidade no meio do mato, no meio da terra."

Bresani produziu mais de 200 imagens e focou as lentes nas asas Sul e Norte. "Justamente para falar sobre essa questão da divisão de classes muito mítica, dessa segregação", explica. "Porque caminhos do desejo existem em todos os lugares, mas o fato de ele acontecer no Plano Piloto, que é planejado, pensado e que teve recursos para ser desenhado, de alguma maneira denuncia, é um sintoma de um problema que existe na cidade construída e pensada para o transporte de carro." Outra opção do fotógrafo foi pelos registros nos quais raramente aparece a figura humana. Para ele, interessava mais mostrar o rastro da passagem dos pedestres, o necessário para evocar a presença humana nas trilhas. Eventualmente, uma ou outra pessoa aparece, mas sempre de costas, borrada e desfocada. A presença evocada pela ausência faz parte da linguagem de Bresani.

O preto e branco também fazem parte de uma escolha que evidencia os contrastes. A ideia era deixar mais clara a existência dos caminhos, a intervenção, a evidência da passagem de pedestres. "Eu não queria tantas interferências de cor da cidade. Queria reduzir as interferências e deixar as coisas mais direcionadas para o fenômeno", diz. Por enquanto, o livro está disponível apenas on-line, mas a intenção do fotógrafo é começar a captar verbas para fazer uma impressão. Hoje, durante o lançamento, Diego participa de bate-papo sobre urbanismo com os arquitetos Henrique Siqueira e Carlos Henrique.



**CIDADE SELVAGEM – CAMINHOS DE DESEJO EM BRASÍLIA | DE DIEGO BRESANI**

Lançamento do fotolivre hoje, às 19h30, no Auditório 2 do Museu Nacional da República (Esplanada dos Ministérios). Conversa com Diego Bresani, Henrique Siqueira e Carlos Henrique

# BRASILIANENSES



Imagens do livro *Cidade Selvagem – Caminhos de desejo em Brasília*, de Diego Bresani